

QUINTA-FEIRA
Lisboa--19 de Dezembro--1929

51 ^{sempre} **fixes**
engraçado o Cap

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

187

sempre **fixe** semanário humorístico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Tudo falso como Judas!...

CHEQUES
FALSOS



NOTAS FALSAS



(DE FRENTE)
A APARENCIA



(DE TRÁS)
A REALIDADE



SEGUROS DE
VIDA FALSOS

- Anda daí!
- Perdão, eu tenho a vida segura...
- Mas não te seguraste contra os burlões.

BOŁSA AGRICOLA
FALSA E COM FVNDQ FALSISSIMO



VENALIDADE



Até a seg. de... é de falsete!... J. Valença



- Coisas da vida!
Em tempo, anisti de
pesso encher a galheta
de azeite



Os ditos da semana



Tunel sob o Tejo Diz-se, e com fundamento ao que parece, que va ser construido um tunel sob o Tejo. A obra é simples. Faz-se um furo com uma verruna, esgota-se alguma pinga de agua mais atrevida que se infiltre, e põem-se logo os comboios e os automoveis a circular.

A cidade alastra para a Outra Banda, e passa a gente a andar no canudo á hora do almoço, á hora do jantar e depois do teatro.

O unico inconveniente do futuro tunel deve ser o perigo das correntes de ar. Já ha quem pense em colocar dois guarda ventos, um no Terreiro do Paço e outro em Cacilhas, mas duvida-se da sua eficacia porque, pelo menos, quando o tunel tiver de expelir um passageiro para a Outra Banda, tem de abrir o guarda vento e de deixar sair os ventos. Sempre assim foi.

Mas venha o tunel que nós sempre queremos ver a cara que hão-de fazer certos figurões incredulos que nunca acreditam nas grandes iniciativas. A esses havemos de coloca-los mesmo em frente do buraco á hora de evacuar os teatros, ainda que não seja senão para os meter com um golpe de ar.

O que não se sabe ainda é quando começarão as obras, porque grandiosas emprezas desta ordem, entre nós, tem sempre grandes dificuldades em obrar. Ha formalidades, peias, embaraços burocraticos que são quasi invenciveis. Mas a obra faz-se. De mais a mais é simples. Tem turo. Calcula-se que já nos principios do proximo mez de Janeiro de 1995 se começará a fazer a escritura de constituição da empreza. Depois é um instante.

A maior dificuldade a ven-

cer deve ser a falta de dinheiro, mas tambem se não se arranjar capital passa-se sem ele, tanto mais que já está provado que, quanto mais dinheiro custam as coisas, mais facil é dispensa-las, *verbi gratia*, a luz electrica.

O flamingo No Alemejo mataram a tiro um flamingo.

Logo se chegou á conclusão de que se trata do flamingo que ha mezes desapareceu do Jardim Zoologico.

Apareceu, segundo consta, em companhia de uma cegonha, mas como se tornasse notado pelas pernas cor de rosa, atiraram-lhe ao coração com uma bala, como se fosse crime ter pernas cor de rosa numa terra onde todas as mulheres as tem da mesma cor impunemente. É verdade que

a essas tambem toda a gente se atira.

O que causa certo espanto é que o flamingo, que é uma ave muito parecida com um oficial aviador, que não nasceu para voar, mas voa, se tivesse abalaçado a bater as azas para tão longe e que, depois de tamanha façanha, tão inteligentemente planeada para fugir á agua da Companhia do sr. Carlos Pereira, setivesse deixado matar estupidamente como um pato.

O caso para nós só se explica pelo facto do flamingo estar com uma cegonha.

Tudo fechado Fechou todo o comercio. Fecharam mesmo os cafés que é coisa que nunca fecha. E assim tomou a cidade o aspecto de uma terra onde todos vão á sua vida e não á vida dos outros.

Stuart Carvalhais



Lições, que tem colheitas os primeiros de toda a turma, também são muito interessantes e interessantes — e é isso mesmo. Naturalmente está quasi um «candy», e diríamos que não em substituição se não soubessemos que apenas no talento é que ele é padre de rico.

Aga-kan Aquele Mohamed Shah Sultan Aga-Kan principe indiano, senhor de muitos diamantes colossais e outros cachuchos de encher o olho, que acaba de realizar o seu casamento com uma caixeirinha parisiense, está dando que falar em todo o mundo, como se não fosse a coisa mais natural deste mundo casar-se um homem com uma mulher.

Lá porque Aga-Kan, alem de Aga-Kan é Mohamed, Shah e Sultão, não é razão para tamanhos espantos.

Tambem nós já tivemos um «sultão» que casou com uma senhora de outra raça e de outra condição e nem por isso nos admiramos, nem do feliz consorcio deixou de nascer uma ninhada de filhos, uns malhados como o pae e outros todos brancos como a mãe, acrescendo ainda a circunstancia de que todos eram Kans, tal qual como o principe indiano.

Nisto do casamento quem manda é o coração e já lá diz o ditado que cabeça apaixonada não tem miolo.

A questão agora é que os noivos sejam felizes, que se entendam bem e que a noiva não comece a vender os seus dominios ao metro, como fazia aos riscados no tempo de caixeira, só porque o marido, que nunca foi caixeiro, tambem é Mohamed não se sabe bem o quê, embora o seu sobrenome afirme que é chá que ele mede.

A estas horas, em plena lua de mel, Andrea Carron (assim se chama a feliz caixeirinha) toma o seu Shah preto com torradas, em Aix-les-Bains, como qualquer de nós o pode tomar em nossa casa, entre frases amorosas e doces como mel.

—Vem cá Andrea...
—Anda cá Aga-Kan.



—Como assim?! Então você é cego e está a lêr...
—Não, senhor. Eu não estou a lêr: vejo as figuras ...



—Que impressão tem?
—A certeza de não morrer...

(Do «Journal Amusants»)

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

FOI um éxito. Foi mesmo um grande éxito.

Podemos dizê-lo abertamente. Gostámos. E nesta palavra resumimos tudo quanto sentimos na noite da *premiere*. Ha erros, concordamos. Mas são erros remediáveis — alguns foram logo na noite seguinte — que a precipitação e a azafama dos ensaios não deixaram ver.

O que é incontestavel, o que é indiscutível, é que «O Tremoço Saloio» é a revista mais rica e a mais portuguesa que temos visto nos nossos palcos.

A critica foi unanime nos clogios neste capitulo. Atacou, parte dela, o chamado «papel almaço». Não gostou das rabulas. Não lhe encontrou graça. Mas é este um motivo sufficiente para se dizer mal da peça, não atendendo ao esforço enorme que representa aquela montagem? Vamos dar a palavra a J. de F. — critico considerado entre os criticos e nome respeitado entre os que rodeiam e vivem do teatro. A sua critica foi, para nós, modelar. Representa o sentir de muita gente. Eis algumas passagens:

«Antes de mais nada, ha que dizê-lo sem rodeios e sem louvanhinhas: Sata-nela e Amarant merecem um grande e entusiastico aplauso — aquele honesto e sincero aplauso devido aos que, através de tudo, e sem olhar a preocupações de qual-quer especie, realizam uma obra de arte e de beleza.»

«Desdobraram-se, multiplicaram-se, realizaram prodigios. Todos os numeros de conjunto, admiravelmente vestidos e ex-celentemente executados, têm uma nota expressiva de vida, de graça, de moeda-de, de elegancia. Primeiras e segundas figuras, coristas e egribs, identificam-se no mesmo ritmo alieante de beleza. E que grande, que magnifico e forte isto representa, num país sem cultura estética e coreografica!»

Nada mais certo. Foram, realmente, os dois artistas-empresarios quem realizou aquele prodigio, aquele ambiente sadio e de arte. Merecem, por isso, todo o aplauso do *Sempre Fixo*.

A critica de J. de F. fecha com estas palavras:

«A revista parece que tem três autores, mas não se dá por isso... Os verdadeiros autores são Sata-nela e Amarant.»

Não se dá por isso... E', sem des-primiôr, para os que a escreveram, uma frase que marca o que é a nova peça que está em scena no T. da A.

Apesar de se dizer pelos cafés: «Tramou-se o saloio» de Canecas, nós não somos dess' opinião. Está ali revista para muitos meses...

AO terminiar o primeiro acto de uma farça que subiu á scena, pela primeira vez, a semana passada, alguém encontrando no atrio do teatro o empresario, disse-lhe: — *Sexto* continua assim, temos mais uma peça para o *Sexto*...

NUNCA houve — estamos certos disso — tanta companhia organiza-da e em organização. E' um nunca acabar. E, no entanto, ainda ha artistas de categoria sem ter trabalho. E' espantoso, mas é assim mesmo. Ao acaso, lembramo-nos, por exemplo, de I. S., artista de real valor.

Segundo uma lista que nos de-raram, há, nada menos, de vinte. A saber: Companhia Amélia-Robles (Lisboa); companhia Lucilla-Erico (Lisboa); companhia Palmira-Ma-



AI QUE SARILHO SÉR PAE DUM FILHO COM MUSICA DA REVISTA «CHA DE PARREIRA»

NASCIMENTO FERNANDES — Um artista completo, o primeiro no seu genero, um actor que prende plateias, um comico de, em boa hora, se lhe tirar o chapéu... e se lhe estender a taça desejando saude ao filho... e ao pae Brotas...

ria (Lisboa); companhia Adelina-Aura (Lisboa); companhia Luiza-Estevam (Lisboa); companhia Hortense Luz (Lisboa); Companhia Emauz, do Variedades, (Lisboa); companhia Berta-José (Porto); companhia Ester-Alexandre (Porto); companhia Chaby (provincia); companhia Cremilda (provincia); companhia Elisa Santos (provincia); companhia Stichini-Mario (provincia); companhia Pires Marinho (provincia); companhia de Revistas (Setubal); companhia Raposo (Africa); companhia Ote-lo (Africa); companhia Silva San-ches (Africa) e companhia Eva (Brasil).

Vinte companhias! E nessas vinte nenhuma é unicamente de farça, nem unicamente de opereta. Dois generos de teatro — que tem grande agrado — que estão abandonados!

Ha, é claro, companhias que fazem das comedias ligeiras, farças autenticas... Mas isso não é o que deve ser. Por outro lado, a opereta morreu. E temos ainda artistas capazes de cantar... Anda tudo as avessas. As companhias de hoje exploram só comedia e revista. Uma ou outra lá põe em scena um drama. Nada mais. O teatro devia sofrer um terramoto. Talvez com esse safanão se endireitasse. O publico até agradecia... Que a providencia se lembre delê, são os nossos maiores desejos...

A inveja é um defeito grande e que aumenta, dia a dia, nos ho-mens. Chegam a ter inveja do que não é invejavel e chegam a invejar o mal... só por inveja. Vem isto a proposito duma noticia que le-

mos, a semana passada, numa secção teatral. Resa assim:

«Defende-se da concorrência de todos os teatros e principalmente daquelles cuja lotação quasi triplica a do ... Defende-se do circo, dos cinemas, e resiste principal-mente á eterna inveja daquela especie de pessoas que gostam de arrastar para si e para a sua inferioridade aqueles que trans-am, mas que triunfam pelo trabalho, pela intelligencia e porque não fazem da sua profissão um balcão de *exponflagio*»

E' siníomatica, esta local. E' mesmo «sinal dos tempos», como diria o falecido jornalista Moreira de Almeida. Não se pode vêr uma camisa lavada a ninguem e não ha forma, nesta terra, de viver sem ter os olhos do visinho em cima de nós... Deixem viver quem vive e deixem de dizer mal só pelo prazer de vêr sossobrar quem trabalha e ganha o pão honestamente, sem acotovelar quem está ao lado...

QUASI todos os artistas-homens do T. do G. estão a vestir pelo modelo E. B. As mesmas luvas-crêmes, a mesma bengala á Chevalier e a *limousine* um pouco de banda. Andam já tão iguais, envargando até sobretudos da mesma côr, que temos a impressão de que o E. B. decretou — para bem da disciplina artistica — um fardamento aos seus actores...

NA peça «A primeira noite» — que ha mais uma mês se conserva na cartaz do T. do G. — entram duas pequenas que prometem ser duas artistas de valor. Estão no palco num «tão á vontade», que o publico se admira. Parecem, real-

mente, duas actrizes já habituadas a contrascenar. Quando «A primeira noite» não tivesse outro atractivo, bastava o trabalho das duas garotas para o publico não abandonar aquela casa de espec-taculos...

UMA revista que deve subir á scena durante a época de Carna-val intitular-se-ha «Em prise».

Não é mal achado o nome. Tanto mais que «A Prise» parece que está encalhado no T. P... Quando chegar a desencalhar, já não é preciso e o publico já se esqueceu da contenda que houve por causa da sua *conquista*.

— Salta cá para fóra «A Prise», ó Mendonça! — dizia alguém a este artista-empresario.

— Não tenham pressa.
— Pressa não tenho. Mas tenho interesse em vêr o interesse que o publico vai consagrar á celebre obra americana...

O O. de C. lá anda pelas Africaas a representar peças tão conheci-das que ninguem conhece... Leia-se esta noticia dum jornal de Loanda:

«No Quêntarque, hoje, pela 21 hora, a companhia Ote-lo de Carvalho apresenta ao publico de Loanda, em «primeira», a alta comedia «Zé Manel, o Cara Direita», adaptação, em três actos, de Ote-lo de Carvalho. No Teatro Nacional Almeida Garrett, a peça fez um sucesso.»

«Zé Manel, o cara direita...» do repertorio do T. N! Por vezes é necessario mentir, mas não tanto... O O. dos bracinhos de meio metro, a fazer alta comedia, adaptada por ele proprio, deve ter muita graça... Tambem só em países quentes é que o aturam...

«Maré de sorte...» é o titulo da nova peça do T. A.

Deus permita que entre uma maré de sorte naquela companhia.

Está bem precisada. Já ha quatro... e nada!

OS titulos das peças tem sido, nesta temporada, simplesmente horribéis. Não entremos em pormenores...

Um, porém, aparece agora que mata os outros. Mata pela sua elegancia, pela sua boa escolha. «Feira da Luz» é o titulo da nova revista do T. da T. E' um nome que enche um cartaz e que vai encher o palco de alegria, de cor e de luz...

No entanto, achamos que o verdadeiro titulo seria:

«A Feira da Iluzense Luz».

O T. Av. layou a cara de tal maneira que até parece novo... Está um brinquinho...

Aquele incendio do «Novedades», de Madrid, foi o *causador* destas limpezas, que vinham sendo neces-sarias.

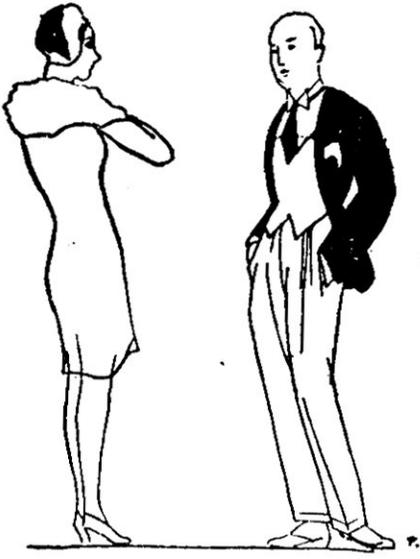
Ha males que vem por bem...

POR hoje basta...

E' sexta-feira e dia 13. E' o dia marcado para a entrega desta pagina. E' mau dia: duplamente azia-go e de jejum.

Para nós é ainda o dia destinado a ter graça... graça... é como quem diz... que esta hoje saiu como acabam de lêr... Para a semana será melhor... se não choyer!

O Homem das 5 horas



Ela: — Dê-me lá com toda a franqueza: em que pensas?

Ela: — Penso que gesto dum homem bonito, amavel e inteligente como tu és, mas... que não seja como tu...

Elevador da Gloria

Numa estação de caminho de ferro:

— Dá-me, faz favor, três bilhetes: um para mim, outro para minha mulher, outro para minha sogra...

O empregado: — Este comboio não leva sogras. É um comboio de recreio...

— V. aqui onde me vê, olhe que já tenho 20 anos de casado!

— E sua mulher?...

Numa reunião familiar: — V. Ex.^a conhece o Barbeiro de Sevilha?

— Não, minha senhora. Tenho em casa uma «Gillette»...

Apresenta-se um joelheiro na policia:

— Faltam-me dez anéis de brilhantes, duas pulseiras, cinco pendentes e quatro relógios...

— Não lhe falta mais nada? — pergunta o agente.

— Falta-me apenas a pessoa que me roubou...

— Como se atreve v. a pedir-me dinheiro emprestado, se eu nem sequer o conheço de vista?!

— Porque... Porque se me conhecesse não me emprestava...

Num exame: O professor: — Diga-me lá o que é memoria?

O examinado: — Memoria... Memoria é aquilo com que a gente se esquece das coisas...

Um banheiro, tendo salvo a sogra dum dos seus fregueses, apresenta-se todo contente junto dele:

— Aqui está a sua sogra, que eu consegui arrancar ao mar quando ela estava quasi a afogar-se.

— O que eu queria saber é quem te mandou meter onde não eras chamado!

— Eu sempre que preciso de dinheiro emprestado procuro sempre um pessimista.

— ?!... — Porque um pessimista nunca espera que eu o restitua.

O medico: — Como conheço muito bem seu pai, levo-lhe apenas 20 escudos.

O cliente: — Tenho pena que V. Ex.^a não tivesse tambem conhecido o meu avô...

Andando de comboio

Ha uma especie de pessoas que se julgam dotadas dum espirito irresistivel, e, neste caso, estão muitos caixeiros-viajantes.

Ora um dia, numa modesta carruagem de 2.^a classe do caminho de ferro, iam, entre outras pessoas, dois caixeiros-viajantes e um sacerdote.

Os caixeiros, convencidos da sua graça irresistivel, começaram contando anedotas e, porque o sacerdote, agarrado a um livro, lhes não ligasse a menor importancia, pensaram a maneira de o ridicularizar perante os outros companheiros de viagem.

A certa altura, voltou-se um dos caixeiros para o sacerdote e atirou-lhe a pergunta:

— V. R. sabe dizer-me qual a differença que existe entre um padre e um burro?

O pobre do sacerdote, embora vexado com a insolencia, respondeu com a melhor das bondades:

— Ha tantas, sr...

— Ora!... Ora!... Mas a principal é que o burro traz a cruz ás costas e o padre ao peito...

Momentos volvidos, voltou-se o padre para o caixeiro-viajante:

— Diga-me uma coisa: sabe qual a differença entre um burro e um caixeiro-viajante?

— Não... não sei...

— Mas procure... talvez encontre.

O caixeiro pensou, pensou e ainda estaria a pensar a esta hora se o padre lhe não tivesse dito:

— Escusa de procurar porque não encontra: não ha nenhuma!

Conta-se que Camilo seguia uma vez no comboio e levava como companheiros de viagem três rapazotes que, para arreliaarem o escritor, abriram a janella da carruagem, apesar do frio que fazia.

Camilo, não o podendo suportar, apressou-se a fechar a janella, que um dos rapazotes, momentos depois, voltou a abrir.

Sucedeu isto três ou quatro vezes durante a viagem...

Chegou á altura do tal rapazinho descer do comboio. Camilo apressou-se a dizer-lhe:

— O senhor é tal qual o seu pai... Tal qual... Teimoso como ele...

O rapaz ficou atrapalhado e Camilo continuou:

— Tal qual... Jurou que não havia de casar com a sua mãe... e não casou...

O comboio ia á cunha. Mas um dos passageiros que até então se conservara no corredor notou que, a ocupar um lugar, ia uma grande mala, que levava um sujeito ao lado a ler um jornal.

Os outros passageiros, esses, dormiam como bemaventurados.

Aproximou-se, porém, o nosso homem do que estava sentado ao lado da mala e disse-lhe:

— Faça favor de tirar essa mala daí, porque me quero sentar...

— Quem?

— O senhor.

— V. está doido... Não tiro nada.

— Não tira?!...

— Já lhe disse que não...

— Mas eu quero sentar-me... Tire a mala daí...

— Oh! homem! Já lhe disse que não tiro.

Ante tal atitude, resolveu o homem ir queixar-se ao revisor que, indo á carruagem e dando ordem igual, obteve igual resposta...

Quando o comboio chegou ao Entroncamento, foi o sujeito levado á presença do inspector:

— Então o senhor julga que o comboio é só para si?

— Eu não, senhor...

— Então porque é que não tirou a mala para este senhor se sentar?!

— Pff... Porque não era minha... Era do passageiro que ia em frente de mim, a dormir...



— Que foi isso?

— Uma explosão. Calcula que meti na bôca o cigarro ao contrario...

— E explodiu?

— Não... É' que eu tinha posto num dente furado um bocado de algodão polvora...

Pensamentos seivagens

Diz o rifão: «Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti».

Concordemos que ha coisas que, feitas pelos outros — são muito melhores.

Ha quem faça a barba com a mão esquerda — para dar a impressão de que é feita por outro...

Não leio o *Diario do Governo*. Acho-o desnecessario porque nunca tive insomnias...

A um livro mau prefiro sempre um bom livro — de mortaldas...

As mulheres e os policiaes não devem contrariar-se: as mulheres prendem; os policiaes batem.

Na arte coreografica, que muito aprecio, agrada-me imenso o bailado classico — em «pontas».

Em «pontas» gostava eu de vêr trabalhar certos homens...

As mulheres nunca nos enganam. Nós é que nos enganamos julgando-as incapazes de nos enganar.

Esta, que não é minha: Em que difere uma pulga dum elefante?

É' que um elefante pode ter pulgas, e uma pulga não pode ter elefantes.

Sem piada á frase velha conhecida:

Ha três coisas no mundo que um homem deve temer: a lingua de uma mulher, uma mulher de lingua e a lingua de vaca mal lavada...

As mulheres parecem-se imenso com os aviões: caem de quando em quando.

«Mais vale um passaro na mão que dois a voar».

Não é bem assim, que eu sou da «Protectora».

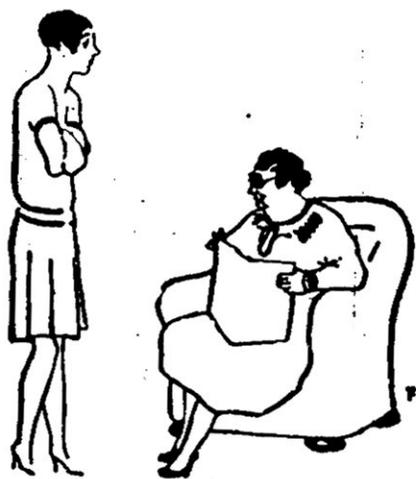
Não ha nada mais perigoso que a vida dum homem que passa, do que uma mulher feita a picada das bexigas que não passa sem nós.

Um medico levou-nos o dinheiro, mas não nos leva a mulher.

CONVERSAS...



— Balthazar é estúpido, mas não temo mais do que os outros. Não zoro isso um caso de esterilidade hereditaria?...



— E' preciso chamar um medico depressa porque o estafermo da nossa criada acaba de engulir uma colher...

— Chamem e ele que veja bem... porque faltam tambem uma cafeteira de bico, dois garfos e o fogão da cosinha...

“Nuestras hermanas”

Os portugueses são revolucionarios, alegres e tristes, sentimentais, picados das bexigas, levadinhos da breca, mas aquilo que os caracteriza verdadeiramente desde que Portugal é Portugal, e Espanha é Espanha, segundo a opinião abalizada dos entendidos de 50 anos para cima, é um fraco pela espanhola forte e corpulenta, bem servida de ancas e de outros accessorios indispensaveis á boa harmonia internacional, aquela espanhola com corpo de dita, essa salerosa creatura que traz sempre comsigo um par de castanholas e uma madre em 2.ª mão feita de encomenda em Sevilha ou Valencia, falando lingua de trapos ou espanhol de vaca holandesa.

Não tenho, meu caro leitor, a pretensão de reconstituir, nem tampouco me passou pela cabeça fazer historia, mas o certo é que, já no seculo XVI, as espanholas tinham invadido, não sei se por Badajoz, o coração dos portugueses. A partir dessa data instalaram-se definitivamente, e como o coração faz parte das miudezas, é daí que veem as iscas com elas...

A sua influencia tem sido grande atravez dos tempos e das *mala-guenas*, e tão grande, que o mais honrado de todos os chefes de familia, o mais trabalhador e honesto, aquele que nunca deu uma facada no matrimonio, por principios, por comodidade e sobretudo por economia, na presença de uma valenciana, que pode muito bem ser da Moita, desde que use *painêta* e *manton*, esquece a esposa amada, o lar, os filhos, o pão da sua casa e a propria creada... O chefe de familia, na presença de *nuestras hermanas*, não resiste, mete um vale á caixa e lava os pés de oito em oito dias... Eis aqui o sintoma horrivel, o prenuncio indicativo do presente adulterio. Um serão extraordinario e uma banheira de agua quente para os pés e logo a mulher vocifera: «Tu tens uma espanhola, *Arnesto!* Tu enganaste-me, *Arnesto!*»...

As espanholas!! O portuguezinho, por elas, até se vê grego... E o *Arnesto* passa a regeitar no selo da familia o cosido á portuguesa, para tratar-se por tu com o arroz á valenciana, com a pescada com molho de colorau e com as ameijoas á espanhola... Na repartição mostra, radiante, aos colegas e aos amigos, o retrato de Lola, da Consuelo ou da Concha, porque elas são todas Lolas, Consuelos ou Conchas...

Uma espanhola só é capaz de fazer uma revolução em Portugal...

Se não fosse o portuguezinho, que é capaz de ser mais cretino que o *Arnesto*, não se dava a conhecer a mulher...

Sete e Meio

Diabruras do lulu

Felismina da Gloria, um palminho de cara razoavel, bastante expedita, fóra, em tempos, telefonista.

Com ambições, como todas as raparigas bonitas e requestadas, farrata-se de fazer ligações para os outros sem que tivesse tempo de arranjar uma para si.

Um dia, esgotada a paciencia, atirou com o aparelho e abalou, dizendo um adeus especial ás companheiras. E, então, tratou de procurar uma ligação decente e ao mesmo tempo vantajosa que a puzesse ao abrigo de necessidades futuras. Emfim, uma *feliz mina*...

Realmente, a felicidade bafejou-a, e em pouco tempo estava principescamente instalada num primeiro andar luxuoso da Avenida XXX.

Ela, banqueiro na disponibilidade, obeso e de raros cabelos brancos a povoarem-lhe a calva luzidia, era extremamente bondoso e condescendente, se bem que um nadinha ciumento. De resto, era pouco exigente, bastando-lhe um affecto jovial que crepitasse na geleira dos seus anos.

Um dia, ou, por outra, uma noite, ele sentiu quasi regelarem-se-lhe as suas amorosas illusões. A traição parecia-lhe imminente, estando prestes a succumbir:

— Felismina, — dizia ele com gravidade, mas colérico no intimo — de quem são estes cabelos negros e anelados?!

— Ah!... já sei! — respondeu lesta e sorridente Felismina, mirando as almofadas do *divan* que ele lhe mostrava — foi o lulu da minha amiga Hortense... da Hortense, então não sabes quem é a Hortense?... Pois foi o lulzinho dela, o *Berriquo*, que esteve para aí a rebolar-se... Coitadinho! E' tão meigo, tão engraçadinho... se tu o visses...

— Não vi nem me interessa esse bicho... O que não estou é disposto a pôr a cara onde esse animal põe

o... — e ficou-se a cheirar as almofadas, umas de veludo, outras de seda, que guarneciam o *divan*.

Depois, continuou, mais desconfiado e mal humorado:

— Mas este perfume exquisito que têm as almofadas... um cheiro que não é o nosso, que não usamos cá em casa...

— Tontinho!... pois tu não sabes que todos os cães que se prezam andam perfumados! Bem se vê que não percebes nada de cães de luxo!...

... E o incidente passou, selado com um beijo repenicadinho.

Doutra ocasião, o caso foi mais sério, decisivo.

No mesmo *divan*, onde ainda perdurava o mesmo cheiro a lulu, ele, o bemquisto banqueiro, encontrou sob uma almofada de veludo, que tinha estamapada uma carranca de Mefistofeles, uma luva branca, de homem.

Raivoso, quasi a perder a linha, amarrotou a luva e levou-a ao nariz. Sempre o mesmo cheiro a *Berriquo*!...

Depois, quando Felismina voltou, aparentando uma serenidade que estava longe de possuir, perguntou-lhe:

— Felismina, já sei que esteve aqui hoje esse maldito lulu...

Percebendo-lhe os modos, e desconfiada que ali havia borbulha, Felismina respondeu com a maior naturalidade:

— E' verdade!... Esteve para aí a fazer das suas, como de costume...

— Ah!... Esteve!... — explodiu o banqueiro, levantando-se e exibindo a luva. — Então este objecto é do lulu?!

E, com um forte murro, depõe a luva numa mesinha, que, com a pancada, ia indo abaixo das pernas. Em seguida, voltando-se para Felismina, que entupira sem responder, concluiu:

— Ande, diga tambem, agora, que todo o cão que se preza anda de luvvas... diga...

Pig-Meu



— Não tens vergonha de nessa idade andar já de cigarro na boca?!

— Que quere? Já experimentei cachimbo... mas fez-me dores de cabeça...

Graça dos ouros

No consultorio:

O medico: — Não admira que não tenha appetite depois de ter comido, como disse, dois ovos, um bife com batatas, legumes, galinha assada e queijo...

O doente: — Não! Só não tinha appetite quando principiei a comer...

Numa exposição de escultura:

— Mamã, esta estatua é de Eva?

— Se não é, deve ser da familia!...

Entre amigos:

— Pobre José! Sempre é verdade que perdeu por completo a fala? Nem ao menos pronuncia uma palavra?...

— Absolutamente verdade! Foi ele mesmo que me disse esta manhã!...

No bar:

— O senhor não disse que pode beber todos os gelados sem que lhe doam os dentes? E' curioso! A que atribue isso?

— Não sei!... Talvez porque não tenho dentes...

Na policia:

O chefe: — O senhor é um homem honrado. Achou uma carteira e veio entregá-la imediatamente.

O outro: — Pois claro! Estava vazia!...

No casino:

Ele: — Seu marido acaba de perder 700 mil réis á banca francesa!

Ela: — Estranho! Meu marido nunca joga!

Ele: — Quem perdeu fui eu, mas quem emprestou o dinheiro foi ele!...

Marido e mulher:

Ela: — O unico amigo que tenho no mundo é o meu cão!

Ele: — Porque não arranjas outro?...

A uma viuva inconsolavel:

— Resigne-se! O seu marido não lhe deixou tão belas recordações? Não lhe deixou um filho?...

A viuva, chorando: — Deixou, deixou! Mas não era dele!

— E' verdade que você dorme todas as noites?

— Dormo — menos a da minha sogra...

CONVERSAS...



— Não se sabe mais nada do meu diabo, pois está que não se vê e que parece já estar até com a tua disposição.

Prosa de Cha-Velho

Estreava-se na Praça de Touros de Madrid um «malêta» que, á hora de «matar», começou andando dum lado para outro, sem nada fazer ao touro e sempre vitima dos protestos do publico.

Cançado de mudar de lugar, lugar sempre distante do touro, e sempre ouvindo os protestos da multidão, acabou por se encerrar com o publico, gritando-lhe por sua vez:

— Afinal, onde é que os senhores querem que eu esteja sem que lhes tire a vista e deixando de ouvir protestos?!...

A outro «malêta» em semelhantes horribes circunstancias e não se aproximando do touro apesar das coisas que o publico lhe gritava, disse um companheiro, compadecido e envergonhado:

— Decide-te, porque é preferível que o touro te fure a que cuças as infamias que te estão gritando.

— Ora! O que o publico está dizendo catende-se com meu pai e minha mãe e o que o touro fizer será a mim pobre filho dos ofendidos.

O celebre toureiro Rafael Guerra «Guerrita», falando no seu «club» de Cordoba ácerca da falta de coragem dos toureiros de hoje, saiu-se com esta frase característica da sua rudeza e franqueza:

— «No tienen ná de machos, son unas ninas. Y si no vean Ustés sus nombres, tóos femininos: «La Rosa», «La Landa», «La Rita» y mar que los trague».



— A luz deste candeeiro é uma vaticosa. Jalgando-se electricidade começou a subir.

Zuleima, a domadora

Aquilo de Zuleima era treta porque o seu nome verdadeiro era Rita — Rita da Conceição, uma sua creada.

Nasceu orfã de pai, pois este falecera ao dar á luz (1) uma collier de agorda d'alho.

A mamã, por um fenecimento vulgarissimo de mecanica, que se chama velocidade adquirida, ia tendo uma filha por ano; assim Rita era a quinta e como, em geral, é as quintas-feiras que se inauguram as exposições, a mamã pô-la em exposição na Misericórdia. Por isso, Rita da Conceição, ou antes e definitivamente Zuleima a Domadora era exposta da Santa Casa, em consequencia do que ficou exposta a todas as intemperias da vida (esta metáfora é bonita a valer).

Zuleima era domadora de nascença, razão pela qual domou os cabelos rebeldes á força de cuspo e uns pequenos animais que viviam á sombra dos mesmos cabelos, a ponto de virem comer a mão.

Satisfeita com estes primeiros exitos, dedicou-se a domar coisas mais difficis: pulgas do mar, caracóis cobidos, baratas, etc.

Era um lindo espectáculo vê-la empunhar um pingalim — unica herança do avô, que fora collier de praça — e desatar á borbolada aos bicharrões que, de lagrimas nos olhos e trinados na garganta, obedeciam cegamente ás suas ordens, e notem que ela tinha dois anos bastante incompletos.

Agarrava as baratas, metias em garofalos, dava-lhes folhas de alface e algumas chibatadas e elas cantavam como os grilos... isto é incrívelavel, hein!

Foi Zuleima crescendo em tamanho e em virtudes civicas, procurando sempre aperfeiçoar-se na arte de domadora.

Criou tal fama que um grande lavrador convidou-a para pastora dos seus enormes rebanhos, ao que ella aquiesceu mediante um ordenado ruinoso mas, que diabo, um grande lavrador pô-lo-se arruinar á vontade que sera sempre um grande lavrador.

Fez outros prodigios. As cabras, cuja cabriça é proverbial, tornaram-se mansas que berráos. Rombentes a deixaram-se condular, domaram-se tanto que a vinda de leite se pôde...

despejar as tétas nos tarros. E as ovelhas! Essas entraram a produzir lá cada vez mais macia, cada vez mais branda, até se transformar em veludo de seda.

Zuleima, não contente com isso, conseguiu domesticar as proprias caganitas das cabras!!! Não acreditam? Pois saibam que a maioria do azeite que se consumiu em 1782 era feito das dilas caganitas que, á força de vontade de Zuleima, se adaptaram perfeitamente ao papel de azeitonas.

Mas nada disto a satisfazia. Toda a sua ambição era ser domadora de feras autenticas: leões do Atlas geográfico, tigres de Bengala de cana da India, elefantes, panteras, rinocerontes, abutres, com dóres (2) e outros insectos.

Com o dinheiro que juntou enquanto foi pastora comprou um flauta (não fosse o caso que tivesse que domesticar serpentes algum dia), uma passagem de 3.ª classe num dos «Zeppelins» da carreira, e internou-se na floresta tão virgem como ella, porque Zuleima era profundamente virgem (aquilo era da familia).

No mais denso da floresta, junto a um rio de murmura corrente, sob a aboboda da folhagem verbe-secura das arvores seculares (irra que este periodo saia colossal), instalou a sua cabana, que trepadeiras bem domesticadas envolveram a breve trecho com os seus troncos serpentinos e carregados de flores.

Pois bem, ou antes, pois mal. Toda esta auspiciosa vida se fanou da maneira mais tragica que pode imaginarse.

Ja ella tinha vinte leões, catorze tigres, oitenta panteras, duzentos elefantes, trezentas navalhas, quatrocentos canivetes... o cantadora afumada vê-la tu com quem te metes... (3) quando apanhou uma cegonha... (4) formidavel cegonha que morreu... acabou-se a historia, irra.

(1) Dar á luz é gralha, como devem perceber; a que eu escrevi foi dar á Luz... a filha mais velha do pai.

(2) Com dór tambem é gralha. Deve lêr-se *condôr*, um passadinho... e pãras.

(3) As trezentas navalhas, etc., é pãrida da tipografia, com certeza.

Aplique-se o conto...

Quando inda havia bom pão
E ovarinas descalças,
Havia um cirurgião
Que, a c'roa por certidão,
Passava certidões falsas.

De modo que os estudantes
P'ra conseguirem dispensa,
Lhe eram fregueses constantes,
Com pedidos incessantes
De atestados de doença.

Mas um dia negregado
Sofre o doutor um precalço,
Que um estudante endiabrado
Lhe paga o falso atestado
Com dinheiro que era falso.

Quarão o medico interesseiro,
Rejeitando a plumbea corôa,
Lhe diz que é falso o dinheiro,
Volve o outro zombeteiro:
— «E a certidão, era boa?!...»

Esta anedota inocente,
— Que o meu leitor não ignora
Porque a sabe toda a gente, —
Talvez que oportunamente
Convenha lembrá-la agora...

Pois pode um país inteiro
Vêr-se, por lei, obrigado
A pagar por bom dinheiro,
E dinheiro verdadeiro,
Tudo o que é falsificado?!...
Eu, por mim, acho que não!
E só quem fór muito tonto
Não chega á compreensão
Que quem estava na razão
Era o estudante do conto!

João Fernandes.

BERTLAND IRMAES, Fotograadores, T. da Condeja do Rio, Lisboa. Tel. T. 96.

Quereis dinheiro?

Legal no **GAMU**
Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes!

MARIAS DE PORTUGAL E... COLONIAS



Maria Gustava dos Prazeres
O Amor não a redime nem a Virtude a domina...
Passa as noites no «Maxim's»,
negoceia em cocaína...
Traz um desejo devasso em seus labios de romã, e a picadilha no braço é do «Nos salvaram»...
Desenhos de Stuart



Maria dos Remedios
Passa os dias na botica, vai á consulta das cinco, já foi freguesa da arnica e do alvalade de zinco...
gem uma palpebra inchada e outras recordações externas... anda a pôr uma pomada contra a caspa que tem pernas...



Maria dos Anzols
Sem respeito p'lo que diz a mãe, que a quer fazer gente, meto os dedos no nariz, numa pose permanente!
Quando fór uma menina e tiver educação terá de ser pescadora se seguir a vocação!



Maria da Anunciação
Não param as pernas suas, numa vida de desgraça, dando anuncios, pelas ruas, a toda a gente que passa!
Se a vemos a todo o instante, em toda a parte é notada pelo tom estranho e berrante da sua capa encarnada!
Versos de A. Nazaré



Fitas faladas
Agora é que vão ser elas. Os cinemas multiplicam-se. Vão abrir mais dois, novos em folha. Executam-se e projectam-se obras de impenca. Fala-se na construção de novas salas. E como a semana tem umas escassas sete noites, os cinefilos frêcheiros vão vêr-se na impossibilidade de cumprir com o seu dever de frequentadores assíduos. E isto sem falar nos pobres criticos. Esses, obrigados pelas circunstancias, vão vêr-se na dura necessidade de seguir o exemplo do sr. Mario Pires, metendo um secretario mais ou menos colorido, para poder dar conta do recado.

O meu caso é ainda mais bicudo que o do meus correligionarios. Isto de ter piada não é para todos, e eu não calculo onde possa descobrir a pessoa naturalmente indicada para comigo colaborar nesta arrezada faina de cine-humorista. Já me lembrei do Antonio Lourenço. Mas ele é tão modesto que é capaz de não aceitar.

A minha estafada graça é muito capaz de nem chegar para o cinema da Graça. O Tivoli, o São Luis, o Odéon, o Condes, o Central, levam-ma toda. O Royal, apesar do privilegio do bairro, não deve abichar nem um trocadilho de revista. E para o Trianon — nem pensar nisso é bom.

Emfim: haja saude que nós estamos por aqui para as curvas.

Esta semana nada de geito se arranjou para entreter os sófregos leitores. Os actores são os mesmos de sempre, e as fitas são quasi todas as da semana passada.

Fomos ao Odéon, à *Caça dum autografo*. Mas atiraram-nos o *Flash* às canelas, e não houve forma de entrar nem mesmo ao *Serviço da Agua Negra*. E' sabido que «cão que ladra não morde»; e o maldito cachorro, na falta do sonoro, tem o pessimo costume de não ladrar. Se não fôsse a Sociedade Protectora dos Animais — que, em virtude da autorização desta fita, parece ter uma sucursal na rua Henriques Nogueira —, tínhamos atirado um bôlo envenenado ao sacripanta do bicho, para vêr se ele já não fazia mais fitas. O pior era se o Fabre o comia por engano...

Fomos ao Tivoli, para gosar o Adolphe Menjou na *intimidade*. Mas o maroto fez o mesmo que fazia quando andava de *casaca e luva branca*. Não conseguimos tambem alcançar o *Az da Velocidade*. *Speedy* quer dizer *rapidamente, depressa...* Mas *Os Novos Senhores*, que foram corridos, *corriam* ainda muito mais depressa, — pelo menos na projecção...

Mas...
O Central diz que *Paname não é Paris*. Ele lá sabe. E como o petroleo está outra vez na moda, meteu na sala uma *Vendedeira de fosforos*. Nem sabemos como os bombeiros consentem. Mas assim não ha de ser por falta de *fosforo* que aquilo não anda para diante.

Mas...
Já comprámos uma gabardine para enfrentar a *Tempestade na Asia* que se desencadeou no São Luis. O São Luis é uma sala excepcional. Leva *fitões, fitas, fitosas e fités*. Desta vez, porém, o nosso amigo Eisenstein mandou dizer aos cinefilos que a fita escapava, embora não fôsse feita por ele. As criticas é que foram, em seu dizer, *três ordinaires* — o que significa, em russo, *muito ordinarias*.

Entre amigos

— *Entre amigos*...
— Jante e ceno no *Parque Mayer*, no «Castelo de Mouros», porque é o José Beirão quem faz a comida.

DESPORTOS

A TRAGEDIA DO CONGRESSO DA BOLA

O *Diario de Noticias* surpreendeu-nos no sabado com um sensacional anuncio:

«E' hoje posto á venda na *Tabacaria Monaco, do Rossio, o discurso pronunciado pelo sr. Candido de Oliveira no Congresso da F. P. F. A., que tanta impressão causou no meio desportivo.*»

O ultimo discurso que eu pude lêr impresso foi um do falecido dr. Ruy Barbosa, sobre Direito Internacional, pronunciado na Academia de Buenos Ayres.

Daqui para a oração do Oliveira sobre o pontapé na borracha vai um salto grandinho... Mas resolvi adquirir o discurso.

Li o discurso. Não concordei. Mas gostei.

A primeira parte pretende demonstrar que em toda aquela historia da ida ao Brasil, se houve crime, foi sempre sem culpa nem intenção criminosa.

De facto, o desejo de receber dinheiro nunca foi, em boa verdade, considerado como uma intenção criminosa.

E a questão fica assim posta: — Prova-se que os homens foram indiscutivelmente profissionais mas... *Joi por bem!*

Na segunda parte, aliás mais curta e talvez por isso mesmo mais brilhante, o orador defende a opinião de que o profissionalismo não tem condições de vida em Portugal e que arruinaria o *foot-ball*.

Ha profissionalismo e profissionalismo. E talvez cá se pudesse arranjar um profissionalismo baratinho, de três ao vintem. Mas o Oliveira deve ter razão. Mas quanto a arruinar o *foot-ball*, parece-me difficil arruinar uma coisa que está a cair por todos os lados.

O comunicado da A. F. L. sobre o congresso da Federação é um portento. Tem bocadinhos como este:

«... prejudica muito mais o bom nome do nosso pais e do *foot-ball* português uma só das vergonhas por que nos fizemos passar no Brasil, do que dois ou três resultados desportivos como o que sofremos em Milão.»

Até parece escrito por uma pessoa que eu conheço... e que muito estimo...

O *Ponney*, que é um semanario humoristico de Coimbra, publica o seguinte anuncio:

«R. I. P.

Convite

Morto confortado com todos os sacramentos do santo padre *foot-ball*, Roquete e Gustavo da Casa Impia, Carlos Alves do Caracolinhos, Raul Tamancos do Olha e vence, Liberto dos Diabos do Desunião, e todos os demais parentes e filhos dilectos do Vitoria Comercio Club, convidam por este meio as pessoas das suas relações e amizade a incorporarem-se no funeral do desditoso, chorado e nunca olvidado Profissional *foot-ball* português, que se realizará sempre que Portugal enfrente representações estrangeiras.

O cortejo funebre sairá da sua residencia — Séde da Federação do *Foot-ball* Português — para os cemiterios da nação irmã, que são os Estados Unidos do basto carço.»

Como se vê, O *Ponney* dá uns coices muito acertados.

Rebola-A-Bola.

NEM TUDO QUE LUZ É "GOAL,"



Os meninos do Campo Grande mandaram analisar o goal 'penalty' por não lhe conhecerem o character.

A PENINHA REABRIU!
COM A DIRECÇÃO DO SEU PROPRIETARIO

Deseja V. Ex.° almoçar, jantar ou cear bem com suas Ex.°° Familias e com o cego? Vá a este tradicional Restaurant. — Variadissimo menu, comidas á portuguesa, ótimas tables para familias com pequenas mesas, unico Restaurant no genero em Lisboa. — Fornos almoços, jantares ou qualquer outra refeição ao domicilio, para o que tem pessoal devidamente habilitado. — Aberto toda a noite.

O. R. Passal de Melo, S-A
ao Almirante Reis

AS VERDADES POLICIAIS

Não ha direito, não senhores, não ha direito que, hoje em dia, se admita que um homem, lá por ser policia, tenha infalivelmente de ser Calixto!!!

Mas eu, como não sou de intrigas, parece-me que esta é *outra verdade*, sem ser aquela do S. Luis.

Ha tempos, desembarcou no Terreiro do Paço um provinciano qualquer, o qual era naquele local aguardado, á chegada do ultimo vapor, por outro provinciano... tambem qualquer.

Grandes abraços, muitas recomendações e *soidades* da terra, e vá de o recémchegado começar logo por ficar extasiado e hiante, deante do cavalo mais ou menos equestre do não menos mais ou menos equestre D. José I.

Rua do Ouro acima, Rossio, etc., até á Rotunda, onde mais uma vez o boquiaberto saloio parou para admirar, — mas o quê, santo Deus? — a lua! E, aparvalhado, dizia para o compadre:

— «O' compadre, isto bem se vê que já é *cedade*. Até a lua é mais bonita, mais redondinha; sempre é muito melhor que lá a lua da nossa terra...»

— «Você é bruto compadre; então não vê que é a mesma?!»

— «Ná, isso é que não é!»

E vá de poisarem no chão o alforge e o tradicional sacco de ramagens, para mais desassombradamente admirarem e discutirem a palida lua, que parece que não tem culpa da estultice humana. Palavra puxa palavra, começou o berreiro a aumentar e a juntar-se gente, até que *sorge* um policia. Cá está o policia.

Disse-lhes que não queria *banzé*, que aquilo ali não era curral de bestas, emfim, uma pequena amostra do vocabulario policial.

Mas o saloio, que já cá estava na *cedade*, não se convenceu e aconselhou:

— «O' seu guarda: faça favor de dizer aqui ao estupido do meu compadre que ele está enganado, que só ha uma lua!»

— «Sim, eu dizia, mas não quero levantar falsos testemunhos... sim, porque vocês comprehendem, não sei ao certo... porque sou novo cá na corporação!...»

Silva Tinto

Quadras mais que soltas

Comunica a Associação, Com razões a mais de mil: Mais vale a perda em Milão Que os empates do Brasil.

Diz o meu primo Gambôa. Tipo de grandes folias, Que o ano cá em Lisboa Tem sómente quinze dias.

Pois fica a pensar ás vezes Que os homens da Associação Em quasi todos os meses Reformam a Direcção.

Porque motivo? Não sei E nem o quero saber. O ouro sem ser de lei Ha de sempre escurecer.

Dizem que ganho a jogar. Deixá-lo. Eu não o nego. Antes jogar e ganhar Do que pôr coizas no prego.

Zé Maria.



Ele: — Que estás tu a vêr...
Ela: — O que... Faz-me lembrar a casa de tua mãe...

ECOS DA SEMANA

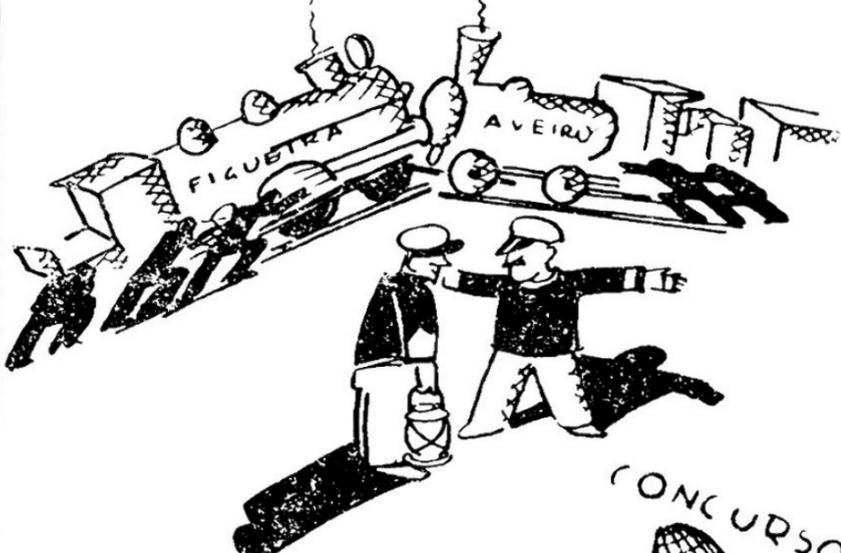
OS AMIGOS AGIOTAS, QUE SÃO UMA ESPECIE DE ASPIRADORES ELECTRICOS, ACABAM DE LEVAR, MAIS UMA ATARRACADELA -



COMEÇARAM OS ENSAIOS, EM TUBOS DE ENSAIO, PARA DAR ENSAIOS... ACABOU-SE A GUERRA FISICA - BREVEMENTE GRANDES SURPRÊSAS QUIMICAS.



ENTÃO? VIA LARGA OU VIA ESTREITA? JÁ FOI TUDO CONSULTADO. SO FALTA A OPINIÃO DOS LIMPA VIAS QUE É A MAIS IMPORTANTE!

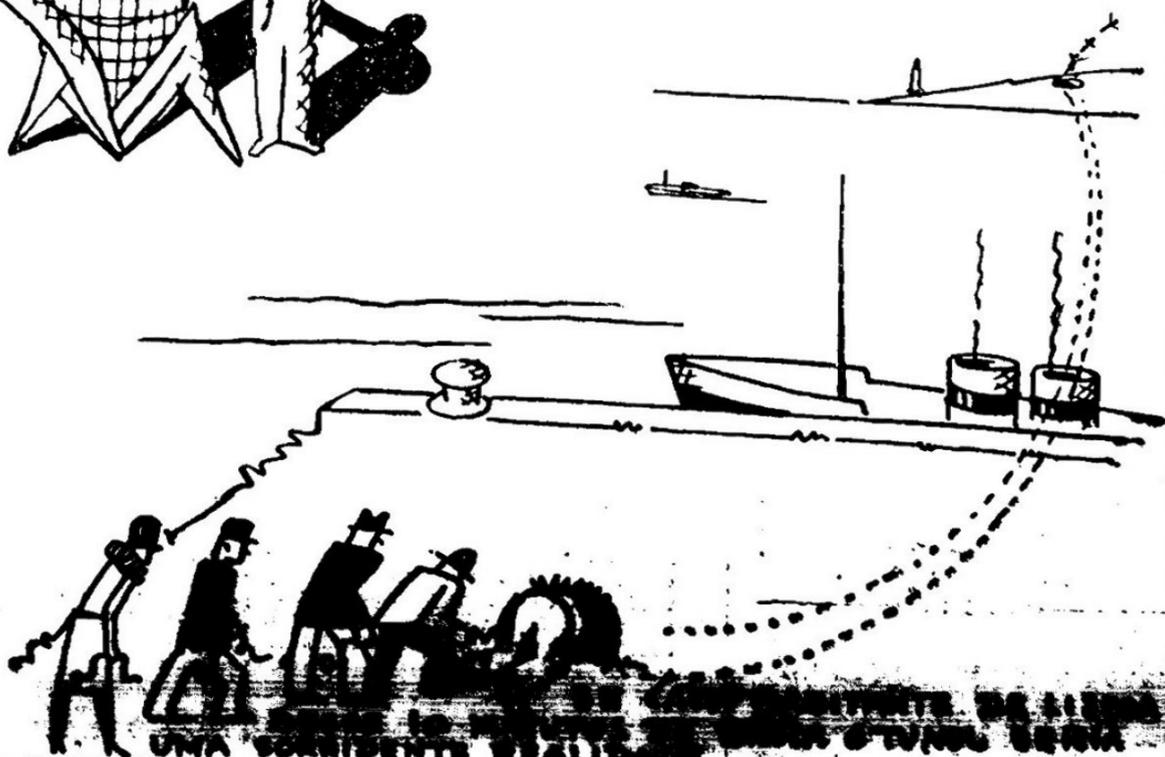


PARABENS

QUEM GANHOU, A MASSARÓCA NO CONCURSO DA MAÇARÓCA, FOI O DR. LEOPOLDO DE FAFE, NA PESSOA DA SUA MAÇARÓCA



O TUNEL SOB O TEJO



PORQUE NÃO ARBANAM OS PORTUGUESES, TAMBEM, UM CÔRPO DE COLIÇOS (CUTS) DO DON SOLIDON.

BOTELHO

UMA SORRIDENTE REALIDADE